

FOTOS: THAINNÁ KARINA/AT



O ARQUITETO MÁRIO RIBEIRO FILHO é casado há 32 anos com a secretária Ivete Maria Martins Ribeiro e gosta de presentear a amada com rosas vermelhas

A TRIBUNA COM VOCÊ EM **NOVO MÉXICO**

Nome de rua ajuda a manter romantismo

Moradores usam a criatividade para encontrar cara-metade no bairro, onde ruas têm nome de flores e até de beijo

Thainná Karina

Já pensou em usar o nome da rua para homenagear alguém que ama? É claro que dependendo do nome, não dá muito certo. Mas quem mora em Novo México, Vila Velha, não vê problemas nisso e inventa até frases para manter romantismo.

O nome do bairro surgiu por causa da Copa do Mundo realizada no México, em 1970, época em que a região foi inaugurada. E as ruas ganharam nomes de flores por ser um local com solo fértil

para cultivo. Com isso, surgiram as ruas Rosa de Ouro, Rosa Vermelha, Copo-de-Leite, Acácia, Cravo Amarelo, Hortênsia, entre outras.

Um dos nomes das ruas de Novo México que chama a atenção e serve até de inspiração para quem quer encontrar a cara-metade é a rua Beijo (também nome de flor), que fica próxima à praça Djalma Miranda Rodrigues.

Segundo moradores, é comum as pessoas criarem cantadas como: “você mora na rua Beijo, então deve beijar muito”, ou “em qual número da rua Beijo?”. E se a resposta for na casa 20, lá vem outra cantada: “então quero 20 beijos.”

“Quando vou conhecer uma menina, digo que moro na rua Beijo e pergunto se ela quer me beijar. É engraçado a situação e, às vezes, até dá certo”, disse o estudante Felipe Souza de Oliveira, 18 anos.

Moradora da região há mais de 15

anos, a vendedora Luzia Santos, 42, disse que o nome deixa a rua mais romântica e que muitos não dizem rua Beijo, e sim, rua do beijo.

“Quando alguém dá o endereço, as pessoas logo brincam dizendo que deve ser uma rua que se beija muito. Isso já acontece de forma natural e não tem como ficar sem rir”, comentou Luzia.

Para manter o clima romântico, o arquiteto Mário Ribeiro Filho, 64, casado há 32 anos com a secretária Ivete Maria Martins Ribeiro, 49, gosta de presentear a amada com rosas vermelhas. “Tenho preferência pelas rosas vermelhas por serem românticas.”

Ivete contou que foi dona de floricultura durante um tempo e tem admiração por flores. “Moro na rua Copo-de-Leite, uma flor que acho linda e delicada. Quero ainda montar meu jardim e homenagear o bairro cultivando rosas e flores com os nomes das ruas.”

HISTÓRIA DO BAIRRO

Terreno era um pântano

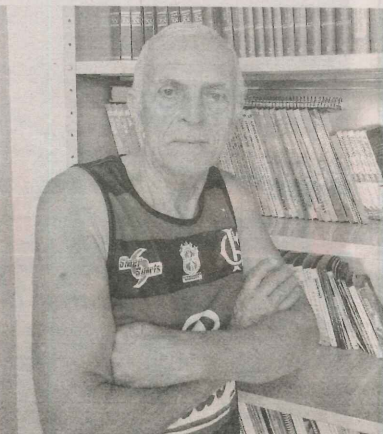
- O BAIRRO surgiu de um loteamento erguido pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), na década de 1970.
- NAQUELA época, o Brasil disputava a Copa do Mundo no México, o que deu origem ao nome do bairro.
- O LOCAL tinha mata e um pântano, com profundidade de 3 metros.
- O BAIRRO não tinha calçamento e os ônibus não conseguiam transitar. O ponto mais próximo era no Ibes e até lá eram 30 minutos de caminhada.
- EM 1974, as ruas receberam bloqueios, mas o calçamento não era compactado e os bloqueios soltavam.
- A FALTA DE ÁGUA era um problema.
- NÃO HAVIA supermercados nem mercearias. As compras eram feitas em carroças.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Novo México, em Vila Velha, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro. As indicações podem ser enviadas para o e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br. Quem vive em outro bairro, pode sugerir uma visita do projeto A Tribuna com Você ao local.

AS RECORDAÇÕES

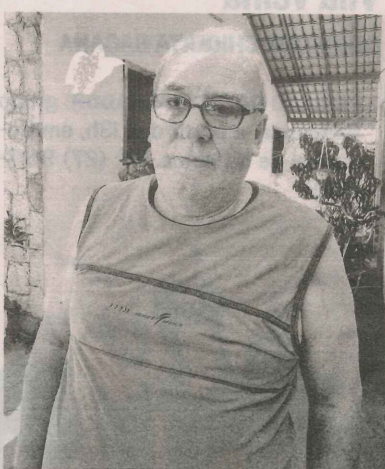


BENEDITO: há 41 anos no bairro

Bairro cheio de mato

O morador do bairro há 41 anos, o aposentado Benedito Freire Simões, 71, foi a segunda pessoa a chegar em Novo México. Segundo ele, o bairro era cheio de mato e não existia rua. “As pessoas passavam por um caminho feito de areia e quando chovia, virava uma lama.”

Benedito disse que também foi o segundo comerciante do bairro. “Eu tinha uma mercearia chamada Novo México, além disso fazia parte de um time de futebol. Sinto saudades dessa época.”



JOSÉ: crescimento do comércio

Casas de conjunto

O aposentado José Antônio Chaves Correa, 68, chegou em Novo México em 1987. Segundo ele, o Centro Comunitário do bairro funcionava como escola, além disso, não existia praça e nem ruas asfaltadas.

“A igreja católica era num barraco de tábua e todas as casas faziam parte do Conjunto Banco Nacional da Habitação (BNH). Lembro também que as pessoas saíam para trabalhar de bicicleta, pois o ônibus demorava a passar”, comentou José Antônio.

Ele disse que o comércio teve crescimento no final da década de 1980, com a chegada de novos moradores.